

COMO VALORIZAR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autora: Prof^a Ma. Francerly Moreira Barreiro de Araujo
Coautor: Prof. Me. Adenildo Texeira de Araujo

E.E.E.M. Prof^a Adilina de Sousa Diniz, Diamante – PB – francerlym1@hotmail.com
E.E.E.M. Prof^a Adilina de Sousa Diniz, Diamante – PB – adenildotexeira@hotmail.com

RESUMO: A valorização da pluralidade dialetal existente no ambiente escolar é uma importante forma de construir a aprendizagem do aluno a partir da análise de uma língua que está viva e sujeita a mudanças, a depender de quem a utiliza e onde a utiliza. As diversas possibilidades de interação linguística podem contribuir para que o falante nativo da língua portuguesa se reconheça como um cidadão que tenha domínio e competência para fazer uso da variação linguística por meio da oralidade e da escrita. Aprender na escola que existem modos diferentes de falar e que podemos ajustar a fala às circunstâncias, é um avanço na formação dos educandos. O professor precisa se preparar para desconstruir alguns paradigmas, começando a pensar sobre a não aceitação de dogmas e adotando uma postura crítica em relação à norma culta, tranquilizando o aluno que tem medo de errar, mostrando que usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de adequação e aceitabilidade de uso destas modalidades; agindo deste modo, o docente transmitirá o ensino da língua sem preconceitos e discriminações. Diante dessas reflexões, este artigo tem o objetivo de oferecer aos docentes da educação básica sugestões de como aprimorar a prática metodológica em relação ao desenvolvimento de atividades que contribuam para a valorização da variação linguística, bem como, o emprego eficiente dela em situações diversificadas de comunicação. Estas sugestões estão embasadas em referenciais teóricos ressaltados neste estudo e em uma experiência orientada e vivenciada pela autora deste artigo, a qual desenvolveu as atividades com discentes do ensino médio.

PALAVRAS – CHAVES: Variação linguística, prática metodológica, escola.

INTRODUÇÃO

A disparidade existente entre a fala e a escrita, com todas as suas convenções ortográficas, sempre foi algo muito difícil para as crianças em fase de aquisição do sistema de escrita, sobretudo porque na falta de conhecimento linguístico, muitas vezes os educadores, numa tentativa de homogeneizar a língua, passam a falsa impressão de que “se escreve como se fala e se fala de uma única maneira” (ROJO, 2009, p.68).

A variação linguística é um dos temas que tem, nos últimos anos, sido objeto de pesquisa e de discussões no cenário educacional. Esse fenômeno, tão presente na nossa realidade escolar é ainda muito negligenciado dentro da sala de aula, onde a única variedade prestigiada é a norma culta do Português. Cabe à escola realizar discussões sobre a variação linguística e inseri-la na proposta do multiculturalismo para oportunizar a discussão sobre a estrutura da língua padrão que a Gramática nos orienta e como se pode fazer uso adequado da variação linguística de acordo com as situações de uso da língua. Não só a escola, mas também as instituições voltadas para a educação e a cultura devem abandonar o mito da unidade linguística (Bagno, 2000) e reconhecer a diversidade

linguística que o país possui e, deste modo, parar de pensar que qualquer manifestação linguística que fuja do conjunto escola, gramática e dicionário é totalmente inadequada. Diante desses argumentos, vê-se a necessidade de mudanças no processo de ensino de língua portuguesa, principalmente no que se refere à valorização da variação linguística, pois não é coerente que um falante nativo de uma língua afirme ser difícil fazer uso de sua língua.

Partindo destes postulados, o estudo apresentado oferece fundamentação teórica que pode servir como base para orientar docentes que atuam na educação básica, por meio de atividades que visem reformular, fortalecer e ampliar a metodologia desenvolvida em sala de aula, sobre o ensino da variação linguística.

Linguagem e educação estão entrelaçadas com os processos de dominação. Contudo a fonte do preconceito linguístico é a língua escrita ensinada na escola que se torna a língua padrão, então acaba se tornando a norma geral que todos devem seguir, mas o modelo desta língua está nos setores elevados e dominantes da sociedade. Com esses indícios, a escola também é grande colaboradora para o surgimento do preconceito linguístico e, por meio deste, temos a reprodução das desigualdades sociais, sendo que o papel da escola é de orientar o educando a fazer uso adequado dessa variação e mostrar o caminho para identificar as inadequações que os falantes cometem ao fazer uso da língua (Cf. BAGNO, 2007).

Diante dessa reflexão, Bagno, (2007, p.120) aponta que um dos principais problemas que se tem encontrado é que os livros didáticos tratam a variação linguística como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Na verdade, o preconceito linguístico é somente um disfarce para o preconceito social, pois, normalmente, não é a língua que é discriminada, mas a própria pessoa. Esta atitude é considerada como preconceito porque a linguística atual tem comprovado, cientificamente, que todos os jeitos de falar uma língua são lógicos, coerentes e seguem regras sistemáticas, aponta o autor acima citado.

Diante disso, o principal objetivo deste artigo é promover a valorização da variação linguística no ambiente escolar através da conscientização de que o discente sabe falar português e que ele é possuidor de plena capacidade de expressão e comunicação, o que lhe permite aprender e apreender variantes linguísticas diferentes das que ele já domina, por ser falante da língua portuguesa. Espera-se que as discussões aqui pautadas, despertem professores da educação básica a reformularem sua metodologia, isto é, modificarem as práticas quanto ao estudo da variação linguística, no espaço escolar; reconhecer a competência linguística e comunicativa dos discentes e planejar e executar atividades que

primem pela reeducação sociolinguística por meio do dinamismo social e cultural em que a língua está envolvida.

Esta proposta se justifica pela necessidade de estimular docentes e discentes a valorizar os modos de falar das diferentes comunidades linguísticas e dos grupos sociais; ressaltar por meio de atividades práticas que a variação linguística se mostra no comportamento linguístico de cada indivíduo, de cada falante da língua e que deve se realizar conforme a situação de interação em que ele se encontre. De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental (1998, p. 26) “para ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos; o de que existe uma única forma “certa” de falar, a que se parece com a escrita, e o de que a escrita é o espelho da fala, [...]”. Este pressuposto precisa ser refletido e praticado pelos discentes de Língua Portuguesa da educação básica, para que os mitos e os preconceitos não atrapalhem o desenvolvimento linguístico e intelectual dos discentes.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma pesquisa-ação, a qual se desenvolveu através de uma experiência vivenciada e orientada pela autora deste estudo, por meio de uma proposta desenvolvida com os alunos da 3ª série da EEEM Profª Adilina de Souza Diniz, na cidade de Diamante-PB, durante o período de fevereiro a agosto de 2016.

Tendo em vista a valorização da pluralidade cultural na sala de aula, o professor de Língua Portuguesa precisa assumir posturas e elaborar atividades para que os alunos possam identificar as variações e conscientizar-se dessas diferenças ao fazer uso da língua. Por meio dessa reflexão e das observações realizadas pela autora deste estudo durante sua atuação em sala de aula, a qual presenciou várias situações que a levaram a desenvolver esta proposta. Ao escutar diariamente a afirmação de que “português é difícil” e também ouvir “chateações” entre os discentes devido à pronúncia diferenciada de alguma palavra começou a inquietar-se e intensificar as leituras, já iniciadas no curso de Mestrado concluído em 2015, referentes à valorização da variação linguística. A Partir das leituras e de sua prática em sala de aula, desenvolveu uma proposta que foi assim executada:

ACÇÕES/METAS	PERÍODO DE EXECUÇÃO	RESPONSÁVEIS PELA AÇÃO
Leitura e discussão dirigida a partir do conteúdo “Linguagem: a arquitetura da língua” contido no livro do aluno, para ressaltar a importância da valorização das identidades sociais e os traços subjetivos dos falantes.	Fevereiro	Professora de Língua Portuguesa e alunos da 3ª série A.
Leitura e análise dos oito mitos contidos no livro “Preconceito linguístico o que é, como se faz” de Marcos Bagno. Pesquisas, preparação de slides para apresentação de seminários sobre as temáticas abordadas nos mitos.	Março e Abril	Professora de Língua Portuguesa e alunos da 3ª série A.
Leitura e análise do poema “Aula de português” de Carlos Drummond de Andrade e da música “Língua” de Caetano Veloso; discussão de algumas temáticas a partir do estudo do poema e da música, como por exemplo, a função social da língua, com as contribuições da professora de sociologia.	Maiο	Professora de Língua Portuguesa, professora de Sociologia e alunos da 3ª série A.
Entrevista com pessoas da comunidade formando grupos por meio dos critérios: de idade, sexo e escolaridade. Após a entrevista foi feita a reescrita para adequar à modalidade escrita.	Junho	Professora de Língua Portuguesa e alunos da 3ª série A.
Análise da variação lingüística e comparação da linguagem empregada pelos entrevistados; construção de gráficos a partir das informações coletadas.	Julho	Professora de Língua Portuguesa e de matemática, alunos da 3ª série A.

Leitura, discussões e encenação do livro “Emília no país da Gramática” de Monteiro Lobato para todos os alunos da escola onde a proposta foi desenvolvida.	Agosto	Professora de Língua Portuguesa e professora de Projeto e Pesquisa, alunos da 3ª série A.
--	--------	---

A seleção bibliográfica que fundamenta esta pesquisa aponta caminhos para que os docentes possam refletir sobre sua prática metodológica ao abordar a variação linguística e como valorizá-la tendo em vista as diversas possibilidades de utilização da língua. As informações contidas neste estudo foram mediadas pela leitura de Bagno (2000), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Brasil (1998), Perini (2000), Rojo (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desenvolver esta proposta foi satisfatório porque as aulas de Língua Portuguesa permitiram ao aluno compreender a língua através de sentidos construídos a partir do trabalho social e da mediação entre as pessoas com as quais o discente convive, seja na escola, família ou sociedade. Foi necessária a construção de estratégias de uso da língua e leitura de textos onde não simplificasse o ato de comunicar-se a preocupação em seguir apenas recursos, normas e técnicas de aprendizagem de uma variante de prestígio especificamente, mas que visasse aprimorar e aprofundar a análise das informações presentes no texto a partir do entrecruzamento de diferentes formas de exercitar a educação linguística dos discentes, por meio do reconhecimento da heterogeneidade de sua realidade linguística.

As estratégias trabalhadas favoreceram um espaço para a reflexão de que o uso da língua deve acontecer de forma respeitosa, os alunos se portaram sem medo de usar a língua, mas com a compreensão de que se deve usá-la tendo em vista onde se encontram e com quem se comunicam. De acordo com Bortoni- Ricardo (2004, p. 34-35):

No Brasil de hoje, os falares de maior prestígio são justamente os usados nas regiões economicamente mais ricas. Estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem o prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros. Mas sabemos que esse preconceito é perverso, não tem fundamentos científicos e tem de ser seriamente combatido, começando na escola. [...] a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental.

Tendo em vista o posicionamento da autora acima, a proposta em evidência buscou enfatizar que a escola é o lugar de intersecção necessária entre o saber da gramática internalizada, isto é, do senso comum e o saber da gramática prescritiva/ descritiva, o saber erudito-científico, e que a disciplina de Língua Portuguesa pode incentivar melhor o discente a empregar a variação linguística como uma aliada na formação cidadã dos cidadãos em geral (Cf. BAGNO, 2000).

Por meio da execução desta proposta foram desenvolvidas ações que abordaram conteúdos básicos e necessários para a aprendizagem dos discentes, com o objetivo de promover o conhecimento ativo das convenções de vários gêneros textuais que circulam na sociedade, levando em conta a variedade linguística e a necessidade de interação. Desse modo, quando a escola consegue que o discente desenvolva habilidades para produzir vários gêneros, ela contribui para a ampliação da escrita e leitura funcional do discente e a valorização da diversidade linguística. A unidade básica do ensino é o texto e a gramática passa a auxiliar e não o alvo do ensino, afinal:

Adequar o ensino de gramática a atual realidade do conhecimento linguístico tem sido umas das preocupações dos estudiosos. É preciso, pois, considerar, no estudo de gramática, as duas últimas concepções (descritiva e internalizada) para não se trabalhar uma variedade de língua no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, mostrando que a língua é a mesma, os usos é que são diferentes (MARTINS, 2006, p. 114).

Independentemente, porém, da natureza da modalidade e da prática social de linguagem em foco, parte-se da compreensão de que o conhecimento do sujeito para nela atuar é uma produção humana, histórica, contextualizada, e que sua apropriação se dá exatamente na prática social.

Os resultados podem ser constatados por meio da observação do desenvolvimento dos alunos nas exposições e discussões em sala de aula, comprometimento com atividades extraclasse e criticidade mediante o aprofundamento das leituras desenvolvidas, desse modo o aprimoramento das práticas de leitura abrem espaços para aprender a aprender. De acordo com Perini (2000, p. 241) [...] nossa compreensão dos enunciados não é função exclusiva de um processamento das estruturas linguísticas contidas neles. É também parcialmente função de nossa percepção da situação que nos encontramos, com quem nos comunicamos, [...]. Partindo desse pressuposto, será esclarecido para os usuários da língua que a variação

linguística não é uma deficiência da língua, mas um recurso posto à disposição dos falantes.

Como a proposta surgiu de inquietações dos próprios discentes em afirmar que não “sabem” Português e que é uma língua difícil, esta postura facilitou a execução das atividades, de modo que eles tiveram contato com obras de autores da área da linguística que mostram o contrário do que os alunos afirmam e com uma linguagem de fácil compreensão. A palestra de uma ex-aluna da escola que hoje já concluiu o Mestrado na área de estudos linguísticos encorajou-os a buscar cada vez mais o conhecimento, ratificando o que o professor diz em sala de aula “Vocês lutem pelos seus objetivos que eles serão alcançados”; a realização da leitura e encenação do livro “Emília no país da gramática” de Monteiro Lobato trouxe descontração ao se tornarem personagens de história infantil, pois ao se caracterizarem sentiam-se como crianças mesmo tendo que transmitir conhecimentos e regras gramaticais, as quais foram transmitidas de forma irreverente. É importante ressaltar que as aulas se tornaram mais atrativas, uma vez que a participação do educando em todas as atividades constituiu um fator predominante na execução das ações que compreendem o projeto em evidência.

Entende-se, portanto, que por meio desse artigo, ora aqui apresentado, docentes da educação básica, podem dispor de embasamento teórico para elaborar estratégias que valorizem a variação linguística em sala de aula, para que o preconceito linguístico não continue afastando o discente de sua língua materna; que os livros didáticos sejam analisados pelos docentes, para que a variação não seja estudada apenas com uma abordagem que prima por uma apresentação das “variedades prestigiadas com a intenção de denunciar os “erros” e os “abusos” que “até mesmo” os falantes escolarizados cometem contra a língua”, como aponta Bagno (2007, p.129).

CONCLUSÃO

As ações desenvolvidas pela autora deste estudo com os alunos do ensino médio da EEEM Profª Adilina de Sousa Diniz e parceria de alguns colegas professores da instituição citada têm contribuído para a reflexão da importância da variação linguística na formação dos discentes, bem como, sobre o desenvolvimento de habilidades de associar o conteúdo linguístico de um texto com o conhecimento de mundo.

A realização desta proposta tem possibilitado uma observação de como os discentes se comportaram diante de leituras mais aprofundadas sobre a temática abordada, como também o comprometimento em realizar as atividades propostas tendo em vista a execução de discussões e reflexões sobre a valorização da variação linguística

no meio escolar e fora dele. A execução de propostas como a citada aqui possibilita aos docentes uma modificação na metodologia, pois é a forma como o docente planeja suas aulas que favorecerá a aprendizagem significativa de seus alunos, indicará as metas a serem cumpridas e os objetivos a serem alcançados durante o processo de execução das atividades.

Neste sentido, poder atuar como orientadora em ações que possibilitam o protagonismo dos discentes é desafiador, mas ao mesmo tempo gratificante; pois é possível desconstruir mitos que impedem a aprendizagem e despertar nos envolvidos a credibilidade de que vale a pena mediar o conhecimento por meio do incentivo na busca de uma educação de qualidade. Assim, a elaboração e execução de propostas que visem diversificar o ensino-aprendizagem em sala de aula requerem compromisso e disponibilidade para desafiar o medo e romper com as práticas rotineiras que muitas vezes atrapalham a aprendizagem dos discentes. Por meio desta proposta, os envolvidos em sua execução foram orientados a vislumbrar um novo olhar para a língua que interage, desde o seu uso nas mais simples situações de comunicação até as mais formais.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna**: a Sociolinguística em Sala de Aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental., **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.

EDIÇÕES SM. **Língua Portuguesa, 3º ano**: ensino médio. Manual do professor. 2 ed. São Paulo: Edições SM, 2013. (Coleção se Protagonista).

MARTINS, Iara F. de Melo. **Gramática e funcionalidade na escola**: algumas reflexões. In: SILVA, Camilo Rosa. (org). *lingüística e práticas pedagógicas*. Santa Maria. Pellotti, 2006. p.107-117.

PERINI, M. A. Gramática descritiva do português. São Paulo: Ática, 2000, p. 241.

ROJO, R. **Letramento Múltiplo, a escola e a inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.